



A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM MUSEUS COMO PARTE DO CONSTRUCTO DA MEMÓRIA NACIONAL: CATETINHO COMO SÍMBOLO DO PIONEIRISMO

Artani Grangeiro da Silva Pedrosa
(SECEC/DF; Mestranda PROMEP/UEG)
artani.pedrosa@cultura.df.gov.br

INTRODUÇÃO

A exposição é a principal forma de comunicação de um museu. Para Cury (2005) é onde se faz possível o contato e o aprendizado com o passado, e nesta concepção este artigo busca trazer uma reflexão do discurso histórico apresentado por objetos e painéis em um bem histórico musealizado, sob a égide dos aspectos da memória nacional definidos por Ortiz (2012). Considerando que a “memória nacional, é sempre um elemento que deriva de uma construção de segunda ordem [...] e em diferentes momentos históricos, procurou definir a identidade nacional em termos de caráter brasileiro” (ORTIZ, 2012, p. 137).

A análise aborda a concepção narrativa do Museu do Catetinho de 1959 a 2022, cuja edificação principal foi construída em 1956 e serviu como residência temporária do Presidente Juscelino Kubitschek enquanto a cidade de Brasília estava sendo construída. O Catetinho foi o núcleo pioneiro da Novacap e por muitos era conhecido como Palácio de Tábuas. Após ser reconhecido como patrimônio, ainda em 1959, o Catetinho foi organizado com salas expositivas para receber os visitantes e turistas, e foi estabelecida uma historicidade aos ambientes.

Ao refletir sobre a construção da narrativa museal do Museu do Catetinho, localizado em Brasília (DF), e a produção de narrativas expográficas¹ na perspectiva da memória nacional, considerando que “as representações só adquirem significado quando

¹Expografia - Termo usado, preferencialmente, para o “conjunto de técnicas específicas para a montagem de uma exposição, e se vale de uma gama de canais para que ela se concretize, tais como etiquetas, iluminação, circuitos expositivos, paleta de cores, sinalização, identidade visual, o próprio discurso museológico, entre outros”. VASCONCELOS, Vanessa Gonçalves de. **Cultura material e a produção de narrativas expográficas**. I Colóquio de Gestão do Patrimônio Cultural, 2019.



encarnadas no cotidiano dos atores sociais” (ORTIZ, 2012, p. 133), pretende-se observar as representações das classes sociais no círculo do patrimônio cultural.

São poucos os registros do processo expográfico do Catetinho e por isso procurou-se complementar com informações obtidas em registros iconográficos e em notícias publicadas sobre o Catetinho em jornais de circulação nacional que compõem o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, colaborando assim com a construção de uma linha do tempo expográfica. Considerou-se o conceito de documento histórico e de expansão documental, qual seja “documento escrito clássico [que] passou a ser somado [...] à fonte iconográfica, ao relato oral (quando possível), a análises seriais e a todo e qualquer mecanismo que possibilite uma interpretação” (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 22).

A primeira parte deste texto é um breve relato da construção, inauguração e patrimonialização do Catetinho. Em seguida, abordamos aspectos da musealização, especialmente da seleção do acervo e da comunicação expográfica. O referencial teórico leva em consideração os conceitos de: memória nacional, de Renato Ortiz; patrimonialização de bens culturais como forma de construção de uma narrativa histórica, de Eric Hobsbawm em “Invenção das tradições”; e, sentimento de pertencimento à uma nação, de Benedict Anderson em “Comunidade Imaginada”.

DE RESIDÊNCIA PRESIDENCIAL PROVISÓRIA A PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL – UM BREVE RELATO DOS ANOS INICIAIS (1956 A 1959)

Em 2 de outubro de 1956, o Presidente Juscelino e sua comitiva realizaram a primeira visita ao local estabelecido para a construção de Brasília²³. A imprensa cobriu passo a passo, incluindo a ida à Fazenda Gama, terreno apontado para ser estabelecido o

²Mapa do Distrito Federal. VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital** (séculos XIV-XX). Brasília: UnB, 2009.

³A bordo de um avião Douglas DC-3 da FAB, o então Presidente Juscelino Kubitschek e comitiva desembarcaram na Vera Cruz, uma pequena pista de pouso aberta em 1955 por Bernardo Sayão.



núcleo pioneiro, com destaque para as qualidades do local, tais como sombra e água fresca⁴.

O sítio escolhido para a construção provisória ficava a 500 metros a oeste da sede da Fazenda do Gama, desapropriada pela comissão estadual goiana de cooperação para a mudança da capital, chefiada por Altamiro de Moura Pacheco. Acerca da localização, acredita-se que a escolha foi motivada pela distância mínima suficiente para evitar interferência no desenho urbano do Plano Piloto, bem como utilizar a casa-sede da desapropriada fazenda como ponto de apoio para mantimentos e serviços (IPHAN, 2017).

O pioneiro César Prates relata em seu diário detalhes da empreitada, que começou a ser levantada no dia 17 de outubro e terminou em 27 de outubro (PRATES, 1983). Apelidado por muitos de Palácio de Tábuas, por ser a madeira o material construtivo predominante na edificação, o Catetinho foi inaugurado em 10 de novembro de 1956. Conjuntamente com Oscar Niemeyer, foi Niomar Sodré⁵, fundadora e então diretora do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, responsável pela decoração do Catetinho. Os móveis foram encomendados por Niemeyer na Galeria OCA, de Sérgio Rodrigues e Paolo Grasseli, reconhecidos na área de *design* de interiores.

Com a conclusão das obras do Palácio da Alvorada, o Catetinho perde sua função de residência presidencial, e o Presidente Juscelino solicita o tombamento da edificação, atribuindo à César (Figura 1) a responsabilidade para as tratativas.

Figura 1: Bilhete

**“Clóvis: peço-lhe tomar as providências sobre o tombamento do Catetinho.
O César lhe explica. JK”.**

⁴ A futura Capital: na Fazenda Gama. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 out. 1956.

⁵ A OCA fará a 1ª decoração de Brasília. **Correio da Manhã**, RJ, 23 out. 1956.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE DO PRESIDENTE

Clavis
Para the forum
as possibilidades
de Catetinho
O local e o espaço
B.P.1

Fonte: Acervo IPHAN

No discurso da cerimônia de tombamento, o diretor do DPHA, Rodrigo Melo Franco de Andrade, apontou como principal valor a ser preservado “o registro edificado das humildes origens do que haveria de ser a grande saga nacional da mudança da capital federal” (MELO, 1959, p. 19), com foco no Patrimônio Material, como previsto em sua gestão (1937-1967)⁶, enfatizando a importância da preservação do patrimônio material.

O Catetinho tem três escalas, a da ambiência, a da arquitetura e a dos bens integrados é (sic), então, discutida segundo três aspectos: primeiro, como signo visível de um evento histórico de abrangência nacional, qual seja, o pontapé inicial da construção da nova capital federal; segundo, como monumento arquitetônico ímpar, sendo uma das raras obras de Oscar Niemeyer em madeira e exemplar da transposição dos princípios do modernismo carioca para esse material; por fim, como local privilegiado de representação e transmissão da memória por meio da ambientação, cenografia e vivência de um conjunto marcante. (IPHAN, 2017, p. 140).

A placa em bronze está em uma parede de alvenaria no pilotis da edificação principal, imóvel tombado como patrimônio nacional em 21 de julho de 1959 pelo DPHAN⁷ por meio do Processo nº 0594-T -59, tendo sido inscrito no Livro do Tombo

⁶Conhecida como era “pedra e cal” representada principalmente pela valorização e preservação de edificações e monumentos.

⁷ **DPHAN** (o) - Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946–1970). **SPHAN** (o) - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937–1946). **IPHAN** (o) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970–1979, 1994–atual).



Cumprе ressaltar que a seleção de bens a serem tombados como patrimônio nacional faz parte de um projeto maior de construção de identidade nacional, já que as escolhas sobre o que deve ser valorizado e preservado como patrimônio refletem as visões e interesses de diferentes grupos sociais. Destaca-se neste cenário desenvolvimentista do Brasil a visibilidade de um personagem político destaque no projeto de modernização da nação, a figura central de JK.

Juscelino Kubitschek, como articulador desse movimento modernista de um novo centro político e de poder da nação, que vai de encontro ao que “presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma “tradição” é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador” (HOBSBAWM, 1984, p. 13).

MUSEALIZAÇÃO DO CATETINHO

Sua fé nasceu, verdadeiramente, quando ficou pronto o Catetinho e começaram as visitas, cada vez mais frequentes do chefe do governo e de outras personalidades importantes, além de turistas e pessoas interessadas no florescimento da nova cidade. (Agripino Pereira Lina, primeiro trabalhador braçal de Brasília, 21 de abril de 1960)⁹.

Na concepção de Anderson (2008), uma comunidade imaginada é uma comunidade que é construída na mente das pessoas a partir de um sentimento compartilhado de pertencimento a uma nação. A fala do senhor Agripino, no jornal na inauguração da Nova Capital, ilustra bem a definição do autor: “nem sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente uma imagem viva de comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 13).

Os museus podem ser considerados espaços que ajudam a construir essa comunidade imaginada. A musealização, por sua vez, começa na valorização seletiva de objetos com qualidades distintas, um processo que integra preservação e comunicação. A “documentalidade refere-se a ensinar algo a, logicamente alguém [...] como testemunho, o objeto deve ser preservado” (CURY, 2005, p. 25). De acordo com a autora:

Entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por

⁹ Primeiro trabalhador braçal de Brasília nasceu em Vila Isabel: Agripino Pereira Lina. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 1960, p. 15.



meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. (CURY, 2005, p. 26).

No contexto patrimonial, segundo Dias e Lima (2012), o título de nacional vem impregnar o destino do local para elaborar e disseminar ideias de nação, em processos de representação cultural. Para ilustrar (Figura 3).

Figura 3: “TINTAS CORAL pintaram o CATETINHO 1960



Fonte: Acervo Hemeroteca Digital Brasileira

Assim que foi tombado pelo DPHA, veiculou-se que o Catetinho era um museu nacional, como pode ser observado até em propagandas comerciais de patrocinadores (Figura 4); esta da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, é um recorte dos Diários Associados na Edição Comemorativa da Transferência da Capital Federal para Brasília. A propaganda diz: “Primeira residência oficial do Presidente da República em Brasília, ao ser transformado em Museu Nacional, preservando para a posteridade o primeiro monumento histórico da cidade!”.

Dias e Lima (2012) acrescentam que “coleccionar é uma prática indissociável dos museus: é por ela que se constituiu o corpo edificado, materializado dessas instituições estatais, operada por rotinas administrativas que guardam e transmitem histórias” (DIAS; LIMA, 2012, p. 203). No caso do Museu do Catetinho, foram



selecionados objetos que pertenceram ao presidente e a primeira composição de diretoria da Novacap¹⁰, além de objetos associados aos anos 1950.

[...] desejo de resguardar do tempo tudo o que fosse original e autêntico, bem como um forte sentimento comemorativo pelo passado. Neste tipo de museu, aqui caracterizado como um 'museu-memória', a história é apresentada por uma sequência de objetos e palavras do passado que reflete uma temporalidade descontínua e pontual." (SANTOS, 2006, p. 21).

Para exposição de longa duração, parte do mobiliário e dos equipamentos foi preservada em seus ambientes de origem. A coleção do Museu do Catetinho é constituída por:

Grupo 1: mobiliário, obras de arte e objetos decorativos comprovadamente presentes no Catetinho durante o período em que a edificação foi utilizada como moradia provisória. · Grupo 2: mobiliário e objetos removidos do Brasília Palace Hotel em 1978 e que tenham transitado pelo Museu Vivo da Memória Candanga, ou ainda imediatamente incorporados à expografia do Catetinho. · Grupo 3: objetos comprovada ou presumidamente relacionados às pessoas que ocuparam o Catetinho até 1959, mas provavelmente levados para o local somente após sua conversão em museu. · Grupo 4: objetos recebidos para compor ambientação cenográfica e contexto de época, informalmente incorporados ao acervo e, em geral, sem comprovação de origem. (IPHAN, 2017, p. 159).

Destaca-se neste processo de musealização, a valorização do anexo da edificação principal, onde ficavam os trabalhadores:

O valor artístico reside na maneira artesanal de solucionar demandas funcionais até mais complexas do que as da residência provisória. A rusticidade dos equipamentos fixos, fogão a lenha, bancadas com pias, tanques de lavar, estantes e soluções construtivas de ventilação contínua remetem à arquitetura vernácula do interior do Brasil [...] Essa arquitetura vernáculo-modernista é significativa, pois resgata de modo único, em conjunto com todos seus utensílios, o espírito da época da construção da nova capital. (IPHAN, 2017, p. 117-118).

No processo de aquisição, em 1998, foram incluídos objetos de valor histórico e afetivo, como as vestimentas utilizadas no baile de inauguração de Brasília, o vestido da primeira dama, Sarah Kubitschek, e a casaca do presidente da República e outros,

¹⁰ Primeira composição da Diretoria Novacap: Israel Pinheiro - Presidente; e Diretores: Ernesto Silva; Bernardo Sayão e Íris Meinberg. Nomes como do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa compuseram o quadro de funcionários da Novacap nesse período (1956-1960).



como bolsas da companhia Panair, chapéus e pertences pessoais de pioneiros, como Ernesto Silva e Dilermando Reis.

Exposição, uma forma de comunicação

O discurso do Museu do Catetinho como lugar preservado da história da nação foi reforçada ao longo dos anos, explícito com uma notícia de um jornal local que trazia em manchete “No Catetinho, a “real” história de Brasília”, de 1976¹¹. Destaca-se o seguinte trecho:

Verdadeiras relíquias estão ali arquivadas mostrando a todos que o visitam onde Juscelino e comitiva fez (*sic*) a sua primeira refeição, dormiu o primeiro sono e tomou o primeiro banho. Peças de uso doméstico, escrivaninhas, mesas, cadeiras, espelhos, cortinas e todos os utensílios estão ainda no mesmo local, guardadas que foram para **mostrar a gerações futuras por onde passaram os primeiros homens (grifo nosso)** que vieram ao Planalto Central para construir Brasília. (NUNES, 1976, p. 20).

O museu como instituição do Estado desempenha papel crucial na formação de uma memória nacional, sendo considerada por Dias (2006, p. 353) “uma estratégia na construção de um patrimônio que garanta os vínculos com o passado [...] fundamental na formulação de uma determinada representação nacional”.

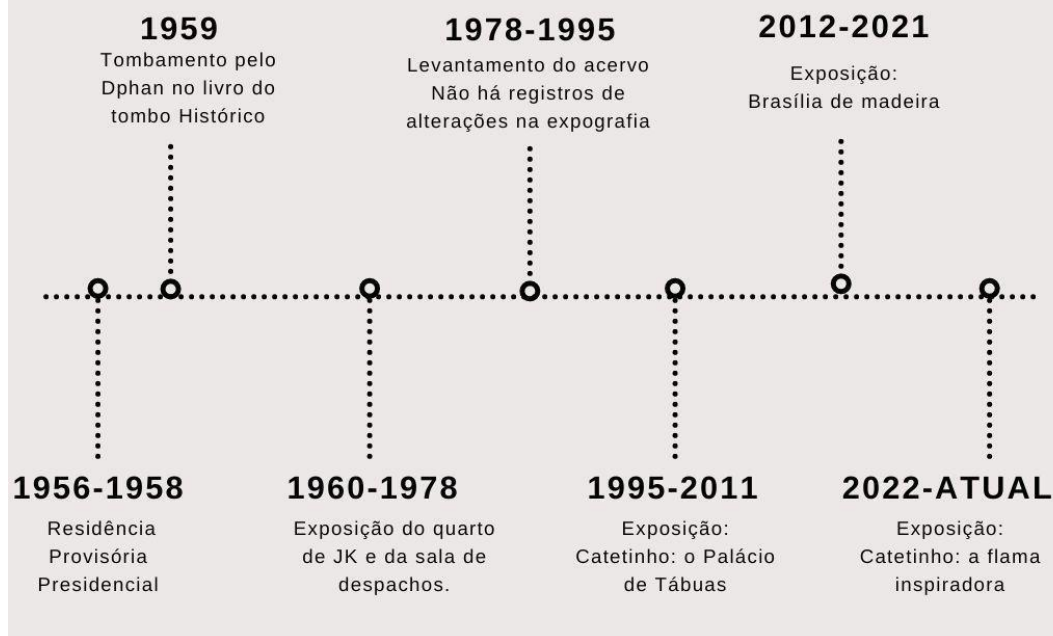
Mostrar a gerações futuras, como descrito na notícia (Figura 5) emprega ao museu o processo formativo da nação com cunho educativo, pois “o Estado assume a paternidade da nação e constitui o que será identificado e transmitido ao povo como patrimônio, para que o preserve e retransmita às gerações futuras” (DIAS; LIMA, 2012, p. 204). Analisando as exposições ao longo das décadas (Figura 6), observa-se a importância dada ao aspecto informativo sobre a história do bem tombado, “uma projeção do estágio inicial do processo de construção de Brasília como ponto alto da memória cívica do Brasil vindouro” (IPHAN, 2017, p. 173).

Figura 4: Linha do tempo das exposições do Catetinho de 1956 a 2022

¹¹ NUNES, Marcus Vinicius B. No Catetinho, a “real” história de Brasília. Coluna Turismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 set. 1976. p. 20.



Catetinho



Fonte: Elaborada pela autora

A exposição de longa duração que perdurou de 1960 a 1995 remetia à figura do desbravador JK e seus fiéis apoiadores com a placa com os nomes, uma sequência de fotos da chegada à Fazenda Gama e na construção do Catetinho. Preservaram-se os móveis da sala de despachos, o quarto de JK e a cozinha.

Em 1982, o governador do Distrito Federal, Aimé Alcebíades Silveira Lamaison¹², determinou um levantamento de informações sobre o Catetinho para compor uma narrativa museal. Diz a nota publicada: “Três figuras serão convocadas [...] para contar ‘causos’ da época a fim de que museólogos, decoradores e arquitetos possam ter uma imagem, um retrato falado da época. Oscar Niemeyer, César Prates e Luciano”¹³.

De 1995 em diante, refere-se a um “museu comemorativo da memória das personalidades ilustres que despacharam ou se hospedaram no Catetinho” (IPHAN, 2017, p. 53). As portas dos quartos receberam os nomes de JK e dos diretores da Novacap,

¹²Aimé Alcebíades Silveira Lamaison (1918-1998), nascido em Passo Fundo (RS). Militar e político brasileiro, foi governador do Distrito Federal, entre os anos de 1979 e 1985, nomeado na Ditadura Militar pelo Presidente da República João Batista Figueiredo.

¹³Luciano Pereira, administrador do Catetinho desde o governo JK até meados de 1985. Sobre a notícia: TAVARES, Sérvulo. **Confidencial**. Correio Braziliense, 20 fev. 1982, p. 3.



Ernesto Silva, Bernardo Sayão e Israel Pinheiro. No pilotis uma imensa arte reforçava o desbravamento de Juscelino pelo Planalto Central, com reproduções do presidente em suas viagens no avião Douglas DC-3 e no jipe Maracangalha.

Em 2012, após uma reforma que durou oito meses, o museu foi reaberto com uma nova exposição de longa permanência: “Brasília de Madeira” (2012-2022), que trazia relatos de operários da Fertiza SA¹⁴, nos dez dias de construção do Catetinho.

O conteúdo interpretativo, na forma de cartazes, está física e conceitualmente desvinculado do acervo material; nos aposentos que contêm objetos, não há nem placas informativas, nem textos interpretativos para auxiliar a compreensão do ambiente. Tampouco há diferenciação entre as categorias de objetos identificadas acima. Essa disposição não contribui para fortalecer os **valores históricos e memorialísticos associados com o Catetinho**, decorrente da inexistência de plano museológico ao longo de toda a história do Catetinho. (IPHAN, 2017, p. 127) (grifo nosso).

Observa-se uma insistência do IPHAN para que o local seja um espaço que fortaleça os valores de memória, aqui entendidos como memória nacional. Em dezembro de 2019, religando a relação histórica entre o Catetinho e a ex-sede da Fazenda Gama, foi assinado um termo de cessão de passagem entre a Secretaria de Cultura e o Brasília Country Club, permitindo à comunidade circular de forma integrada pelo território do antigo núcleo pioneiro. Renomeado de Museu Casa Velha, a edificação tombada no âmbito distrital em março de 2006, é uma moradia rural do século XIX, referência preservada de exemplar da arquitetura vernacular que apresenta uma exposição de longa permanência sobre a relação histórica entre a Fazenda Gama e a construção do Catetinho.

Memória em processo contínuo de resignificações

Brasília emerge de um esforço de muitos homens e mulheres ao longo de décadas, que se entregaram e acreditaram na dádiva da nova capital. O Catetinho foi o pontapé inicial deste esforço coletivo, e no recorte do Diários Associados em 1960 já observamos o ressentimento de pessoas que não foram reconhecidas como deveriam.

Agripino não tem seu nome inscrito na placa de bronze do Catetinho, entre os dez primeiros construtores de Brasília... (embarcou) com outros nove homens nos três ‘FNM’ que levaram móveis e viveres

¹⁴Fertiza SA - Empresa de Fertilizantes, de Araxá MG. Teve participação direta na construção do núcleo pioneiro, com o envio de mão de obra e materiais para a construção.



destinados à instalação do Catetinho, nos sertões do Brasil Central. (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 1960, p. 15).

A placa de bronze citada está desde 1958 no local-monumento para fazer recordar o feito de amigos pioneiros, apresentando apenas dez nomes e nenhuma menção aos tantos outros. Costa e Suzuki (2012, p. 1) apontam que “pouco importou o povo nativo e mesmo seus construtores (nortistas e nordestinos) em mais esse empreendimento geopolítico de integração territorial”.

A preservação de monumentos e edifícios históricos pode ser vista como uma forma de valorizar a história e a cultura de uma nação. No entanto, a valorização de determinados grupos pode gerar conflitos com outros que se sentem marginalizados ou excluídos da narrativa. Eric Hobsbawm traz a seguinte reflexão:

A história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas **àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado** por quem estava encarregado de fazê-lo. (HOBSBAWM; 1984, p. 22). (grifo nosso).

As escolhas sobre o que deve ser valorizado e preservado como patrimônio refletem as visões e interesses de diferentes grupos sociais, podendo o patrimônio tornar-se um campo de disputas para a construção da identidade nacional. O institucionalizado é parte do constructo do que deve ser elevado ao *status* de memória nacional. O Catetinho foi selecionado pelo Estado para transmitir a ideia de civilidade e modernismo da nova capital e das pessoas de JK e seus amigos, os homens brancos do sudeste desbravadores do deserto do Planalto Central.

A pesquisa em jornais de circulação nacional das décadas de 1950 e 1960 permitiu, sob a ótica da imprensa, chegar a pessoas comuns e, com esses achados, ter uma visão diferenciada e ampliada da historicidade dos fatos, culminando assim com a constatação de que “o documento pode trazer um dado que nenhum outro traz e criar uma nova visão” (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 23).

Se concluímos que não existe um fato histórico eterno, mas existe um fato que consideramos hoje um fato histórico, é fácil deduzir que o conceito de documento siga a mesma lógica. Fato e documento histórico demonstram nossa visão atual do passado, num diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas. (KARNAL; TATSCH, 2017, p. 13).



Outro achado data de 1981. O senhor Luciano Pereira lamentava no jornal que, “apesar de todo entusiasmo e carinho que devota ao Presidente e a sua família, vive esquecido, aliás, como quase todos os pioneiros”¹⁵. Luciano exercia a função de guarda-corpo da pista de pouso que funcionou no Núcleo Pioneiro de 1956 a 1958, atuando no cargo de assistente conservador do Patrimônio Histórico Nacional, posterior Encarregado do Catetinho, no período compreendido entre 1959 e 1982, ano que aposentou-se¹⁶.

A exposição de longa permanência “A Flama Inspiradora” foi inaugurada em abril de 2022¹⁷ e é um desdobramento da pesquisa e de seus achados. A nuvem de palavras (Figura 5) é uma representação visual de dados de texto da expografia atual:

Figura 5: Nuvem de palavras da exposição “Flama inspiradora”

¹⁵“Catetinho” está exigindo reforma. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 mar. 1981, p. 8.

¹⁶ Catetinho pede ajuda. **Correio Braziliense**, Brasília, 1º mar. 1982.

¹⁷ A autora deste artigo é curadora da exposição “Flama Inspiradora”. As informações são fruto do trabalho da pesquisadora, que exerce função na instituição desde maio de 2017, como gestora em Políticas Públicas e Gestão Governamental - especialidade bibliotecária no Governo do Distrito Federal, e é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás - PROMEP/UEG, Câmpus Cora Coralina - Cidade de Goiás - GO.



se os quilombolas e sua atuação, bem como o apoio com alimentos e verduras produzidas no território distante menos de 40 quilômetros.

Além dos elementos já mencionados, buscou-se a inclusão da contribuição feminina, com painéis que trazem a importância de sua atuação. São exemplos a desenhista do Mapa do Novo Distrito Federal; as trabalhadoras que davam suporte logístico aos esforços, como as cozinheiras, e as pioneiras que vieram acompanhar os diretores e que organizaram o núcleo pioneiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Renato Ortiz a memória nacional “opera uma transformação simbólica da realidade social” (ORTIZ, 2012, p. 138), de tal modo que o Estado delimita o quadro da construção social, ao passo que os intelectuais são os construtores deste simbolismo. Essa reflexão sobre a memória nacional é essencial para compreender os patrimônios, como é o caso do Catetinho, tendo em vista que os intelectuais do IPHAN são construtores, pois selecionam os bens que serão reconhecidos como importantes para preservação.

No que se refere à musealização, é necessário refletir continuamente os processos de representação cultural do museu, haja vista a problematização que colabora na construção dessa comunidade imaginada, falada anteriormente, uma vez que as narrativas expográficas apresentadas em seu espaço contribuem para a formação da identidade coletiva. Além disso, os museus podem possibilitar que as pessoas se reconheçam e se identifiquem com a história e a cultura da comunidade à qual pertencem.

Ortiz (2012, p. 137) vai adiante e questiona: “A que grupos sociais elas se vinculam e a que interesses elas servem”? O que se observa no Catetinho das primeiras décadas é a criação de um discurso fragmentado do núcleo pioneiro e uma história de heróis, bem como a escolha de personagens épicos, pioneiros, ignorando a existência de cultura local na região, passando a imagem de um “deserto no planalto central”.

O percurso dessa escolha narrativa não foi encontrado nos arquivos, mas ao longo dos anos prevaleceu o aspecto memorialístico de personagens ilustres que abdicaram do conforto para a simplicidade residencial dos anos iniciais da construção de



Brasília. Esse discurso nos parece com os constituintes subjetivos da nação moderna que Hobsbawm (1984) alicerça em símbolos da história nacional.

Considerando que a concepção arquitetônica do Palácio de Tábuas e que o papel político desse lugar entrecruzam o processo de formação da memória nacional e das disputas de poder de elites políticas e econômicas que têm interesses específicos na construção de determinadas narrativas históricas e culturais, a pesquisa sobre seu acervo e sua história pretende contribuir continuamente para que as narrativas expositivas conduzam à reflexão do seu público na perspectiva atual.

O Museu do Catetinho, ao trazer falas que foram silenciadas na narrativa por uma classe hegemônica do núcleo pioneiro no período da construção de Brasília, permite discussões acerca do papel de pessoas comuns naquele tempo-lugar na história frente às classes dominantes nessa etapa transitória da mudança da capital do país.

Por isso é importante que o Museu do Catetinho esteja aberto à diversidade de perspectivas e experiências e que seja capaz de representar de forma plural a história da comunidade a que serve. A pesquisa Memória Catetinho ainda está em andamento e com certeza novos elementos surgirão e a partir destes virão novas percepções para serem trabalhadas no processo comunicacional expográfico do Museu.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COSTA, Everaldo Batista da; SUZUKI, Júlio César. A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 26, n. 418 (6), 1 nov. 2012. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-418/sn-418-6.htm>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DIAS, Carla da Costa. O Museu Nacional: formando e conformando o patrimônio nacional. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2006, p. 339-357.

DIAS, Carla da Costa; LIMA, Antônio Carlos de Souza. O museu nacional e a construção do patrimônio histórico nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 34, 2012, p. 199-221.



HOBSBAWM, Eric Hobsbawm. Introdução: A invenção das tradições. In: _____; RANGER, Terence Ranger (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário do Catetinho**. Brasília, 2017.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017. cap. 1, p. 9-28

MELO, Rodrigo de. **Discurso de tombamento Catetinho**. Rio de Janeiro: DPHA, 1959.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PRATES, César. **Do Catetinho ao Alvorada**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.